

Self e autenticidade: uma análise do moderno em Charles Taylor

Self and authenticity: a analysis of the modern in Charles Taylor

Lara Denise Góes da Costa
Doutoranda do PPGF-UFRJ /Bolsista CNPq

Resumo: Este artigo tratará das concepções de self e de autenticidade em Charles Taylor seguindo sua problematização feita na Ética da Autenticidade, na qual o autor aponta como a cultura da autenticidade foi construída no século XVII seguindo uma recusa do atomismo social e defesa de valores comunitários, mas que paradoxalmente foi desenvolvida segundo premissas liberais tendo como fundamento a neutralidade do Estado. Para o autor a consequência principal deste contexto é um círculo vicioso que ao defender a possibilidade de escolha, funda esta num vazio de sentido.

Palavras-chave: Modernidade; Autenticidade; Escolha; Self.

Abstract: The aim of this article is to analyze the conceptions of self and authenticity in Charles Taylor, following his problematization at Ethics of authenticity, where he points the culture of authenticity as its start at XVII century refusing social atomism and defending communitarian values, although it has been developed following liberal premises of neutrality. For Charles Taylor, the main consequence of this context is a vice circle which defends a possibility of choice based in an empty sense.

Keywords: Modernity; Authenticity; Choice; Self.

A reconstrução de Taylor acerca da formação da identidade moderna pressupõe a compreensão do que é ser um agente humano, uma pessoa ou um self. Na primeira parte do artigo discorrerei sobre sua concepção de self e em seguida passarei para sua concepção de autenticidade, articulando ao final este dois conceitos que para o autor caracterizam a cultura contemporânea.

Taylor se utiliza tanto de um viés histórico conceitual no qual reconstrói o que ele entende como identidade moderna a partir do pós-romantismo alemão e sua influência na formação da individualidade como expressão cultural, quanto pelo viés da ética hegeliana no qual as diversas concepções de bem antecederiam qualquer noção de justiça ou liberdade assim como relativizaria princípios supostamente universais.

Partindo da abordagem lingüística e da fundamentação pragmatista de George Herbert Mead, ele desenvolve a idéia de ato social como fundamento para a ação do *self* em relação ao outro

(Mead;1972). A partir de um enfoque darwinista, ele afirma que a pressão que os organismos exercem uns sobre outros na natureza enseja o sucesso para aqueles que não apenas interpretam os gestos do outro, mas também entendem o significado de seus próprios gestos à luz das reações esperadas.

Para Charles Taylor a abordagem de Mead ainda se encontraria muito próxima da perspectiva behaviorista, na medida em que aborda a linguagem como consequência de diálogos sociais sem levar em consideração o papel constitutivo da linguagem¹ que seria para ele uma rede de interlocução na qual a própria natureza da conversação requereria um reconhecimento prévio dos falantes, suas expectativas e individualidades.²

Em sua acepção, três vertentes se desenvolveram através da história: A noção de “interioridade moderna” que concebe os seres humanos como possuidores de um *self* dotado de características interiores profundas, as quais teriam sido construídas ao longo da história da filosofia até a contemporaneidade. A segunda vertente elevaria a vida cotidiana como afirmação humana, que se desenvolveria a partir do período moderno até o Iluminismo. E por último a natureza, em sua noção expressivista, isto é, como fonte moral interior a partir do final do século XVIII até século XX com manifestações através da literatura e da História.

A teoria expressivista³ aponta na direção na realização do homem na liberdade que seria uma liberdade de autodeterminação ao

¹ Taylor defende a idéia de que Humboldt seria o teórico mais claro acerca da tradição da constituição da linguagem como identidade. Humboldt viveu o Romantismo que foi um período que marcou a mudança de atitude do homem em relação ao homem. Este período se caracterizou como uma visão de mundo contrária ao racionalismo e buscou um nacionalismo que viria a consolidar os Estados nacionais na Europa. Inicialmente apenas um estado de espírito. O Romantismo foi um movimento pelo qual o espírito romântico passa a designar toda uma visão de mundo centrada no indivíduo. Os autores românticos voltaram-se cada vez mais para si mesmos, enaltecendo o drama, o trágico e a utopia. Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, pelo Iluminismo e pela razão, o início do século XIX teria sido marcado pela subjetividade, pela emoção e pelo eu. Isso explicaria a afirmação de que Humboldt faz acerca da língua quando diz que ela seria nacionalmente individual e que a identidade nacional preexistiria nela. Cf. DURANT, W. “A Era de Napoleão: uma história da civilização”. 586-589

² TAYLOR, C. “As fontes do self: a construção da identidade moderna.” p.55.

³ O papel seminal de Herder no pensamento de Taylor pode ser analisado através da forma como a teoria expressivista da linguagem criou um novo paradigma sobre o

mesmo tempo em que exige a conjugação do homem com a natureza e a cultura. A liberdade racional kantiana só parecia possível através de uma ruptura com a natureza, com uma divisão interna no homem entre razão e sensibilidade⁴. O período pós-romântico detém a esperança de que os homens unissem os dois extremos: liberdade radical individual do homem voltado para si mesmo e expressão através do contato com a natureza e os outros. A síntese entre esses dois opostos fará Hegel, com a união entre vontade autônoma e natureza numa unidade, realizando a ambição romântica.

O objetivo de Taylor é demonstrar que a influência destas três vertentes foi de tal relevância que coexistem até hoje na vida contemporânea, por mais que não percebamos.⁵ Em seu outro livro⁶, Taylor procura esclarecer o que entende por *self*, ou agente humano responsável. Partindo da concepção de pessoa de H. Frankfurt⁷, na qual o ser humano é abordado como detentor de desejos e capacidade para distingui-los numa escala de valores. Como assinala Frankfurt, não é apenas a seres humanos que atribuímos predicados mentais e físicos. Ele busca demonstrar que a diferença entre pessoa e outras criaturas está na estrutura da vontade. Os seres humanos seriam os únicos seres que possuiriam a capacidade de constituir desejos de segunda ordem. Em seu texto, Frankfurt faz uma crítica a Strawson⁸, na qual defende que dos dois tipos de desejo, de primeira e segunda ordem, apenas seres humanos teriam o segundo. Desejo de primeira

pensamento e o significado. Para Herder, possuímos a capacidade de dotar os sons de significado e de apreendê-los como referência a coisas. Esta compreensão não é dada, faz patê de uma dimensão lingüística e conteúdo cultural no sentido de entendimento mútuo entre falantes, de forma que o sentido da expressão traduz o que realmente se quer dizer. o pensamento é, portanto, situado, lida com o mundo que o cerca, tem o caráter plenamente reflexivo com relação as coisas, se entrelaçando com os gestos como forma de expressão e determinada forma de vida. o lócus da linguagem portanto é o *volk*, isto é, a comunidade da onde a linguagem é expressada e entendida. Cf. TAYLOR, Charles: “A importância de Herder” in *Argumentos filosóficos* e HERDER, J.G: *Também uma história da filosofia para formação da humanidade*.

⁴ TAYLOR, C. “Hegel” p.17

⁵ TAYLOR, p. 636

⁶ TAYLOR, C. “Human agency and language”

⁷ Cf. FRANKFURT, H: “Freedom of the Will and the concept of a person” in *Personal Identity*, Oxford University Press.

⁸ Strawson defende que apenas os seres humanos podem ser analisados através de predicados corporais e mentais. Cf. STRAWSON: *Freedom of the will and the concept of a person in Personal Identity*.

ordem seria aquele que busca realizar aquilo que queremos e de segunda ordem quando gostaríamos de ter determinados desejos ou quando gostaríamos que determinados desejos fossem a nossa vontade.

Para esclarecer isso, Frankfurt fornece o exemplo de dois consumidores de drogas, que em luta para controlar o seu vício agem em níveis de desejo diferentes. Para o consumidor X, a droga significa a satisfação imediata do seu desejo de primeira ordem. Ao sentir falta da droga, X não sente vontade de parar, nem culpa, apenas satisfaz seu desejo imediato de consumo; Y, ao contrário, sente vontade de usar, não ao desejar a droga, entra em cena outro desejo, que é o de não querer usá-la, por consciência do mal que ela faz.

Independentemente do motivo que o faz levar ou resistir à droga, o que Frankfurt deseja assinalar é que apenas esta consciência de controle e avaliação do que seria melhor para ele, como desejar que o seu desejo imediato fosse parar de usar drogas, constitui uma característica humana estruturalmente formada na vontade. Diferente de outras criaturas – que apenas possuem desejos de primeira ordem, ou imediatos – seres humanos possuem a vontade livre que é a consciência e avaliação de seus desejos imediatos.⁹Taylor analisa os pressupostos desta capacidade para defender que esta é a condição essencial para caracterizar a demarcação entre agente humano e outros tipos de agente.

Taylor se pergunta o que seria esta capacidade de avaliar nossos desejos, esta forma reflexiva sobre nós mesmos. A partir daí, diferencia duas formas de avaliação. Uma seria a avaliação fraca, na qual apenas os resultados importam. A segunda seria a avaliação forte, que seria vinculada ao valor qualitativo dos desejos. A avaliação e escolha entre desejos significa a atribuição moral numa escala valorativa. Numa avaliação fraca, apenas o sentimento de fazer algo não valor a ação. A vontade é apenas quantitativa, ou vislumbra apenas o resultado ou o fim. Já na segunda hipótese, qual seja a da avaliação forte, entra em jogo um contraste valorativo como opção. Isto significa que os desejos passam a ser analisados através de um

⁹ Cf. FRANKFURT, H. “Freedom of the will and the concept of a person” in Watson, G. “*Free will*” Oxford University press, 1982.

valor moral, como bom ou ruim, corajoso ou covarde, nobre ou vulgar¹⁰, etc.

Assim, se uma avaliação fraca apenas designa algo contingente, apenas uma medição, na avaliação forte, a linguagem é mais rica, há um vocabulário de valores como forma de articulação a respeito das preferências. Em crítica ao utilitarismo¹¹ e ao existencialismo sartreano¹², Taylor aponta que as avaliações fortes estão intrinsecamente relacionadas com a concepção de agente e de uma experiência social. Isso por que as avaliações reproduzem nosso *self* e aparecem justamente em situações de dilema moral. As avaliações fortes, portanto são profundas e enraizadas na nossa identidade. O que sentimos de mais valoroso, pleno e elevado em nossas vidas constitui a articulação para compreender melhor aquilo que desejamos.

Desta maneira, Taylor defende que não apenas o fato de possuir desejos de segunda ordem caracteriza a pessoa humana, mas a capacidade de possuir avaliações fortes sobre estes desejos confirma ainda mais a essencialidade da noção de que não somos apenas seres que se auto-interpretam, mas pessoas no sentido de self ou agente responsável, possuidor de reflexividade acerca de si mesmo. Há um amplo debate acadêmico sobre a questão cultural e as formas de reconhecimento e redistribuição de recursos sociais no mundo hoje. As chaves de entendimento oscilam entre o respeito às diversas concepções de vida e de bem, chave da fundamentação ética e as normas e valores morais que tentam aplicar um conceito de justiça que seja universal e amplie as possibilidades reais de igualdade e liberdade.

¹⁰ Os desejos seriam colocados em contraste, pois estes conceitos morais na linguagem avaliativa seriam mais bem compreendidos através da oposição, ou contraste com outros termos. Cf. Theories of meaning in “*Human agency and language*” Philosophical papers 1. Cambridge University press.

¹¹ Na corrente consequencialista-utilitarista o objetivo da ação moral é o resultado que ela produz. Se o resultado, para a maioria, produzir prazer ou felicidade então a ação será boa. Por este motivo a corrente utilitarista é criticada por Taylor, que defende que a avaliação forte pressupõe um conteúdo moral de articulação anterior ao ato.

¹² Sartre desenvolveu o que se convencionou chamar de teoria da escolha. Na corrente existencialista o aspecto moral não existe; apenas a escolha radical como forma de transgredir uma escolha impossível. Cf. o exemplo da jovem soldado em “O Existencialismo é um humanismo” in *Os pensadores*, Vol. Sartre, Ed. Abril cultural, 1978.

Neste aspecto, o multiculturalismo¹³ de Charles Taylor é definido de acordo com a forma que uma pessoa se define, ou seja, as características que fazem dela um ser humano. Taylor alude à dialética do senhor e do escravo de Hegel como forma de subjugação das consciências umas às outras que o filósofo alemão desenvolveu para determinar o processo pelo qual o reconhecimento entre as consciências se dá¹⁴ em direção ao espírito absoluto que é a humanidade do homem.¹⁵ Com isso, o reconhecimento possuiria um caráter necessário no sentido de que seria na conjugação das diferenças que o homem traduziria sua humanidade.

Como contrapeso à força argumentativa de Rawls, o filósofo canadense defende que o argumento liberal se torna enfraquecido diante das vivências particulares de grupos específicos que compõem uma sociedade plural. Tomar uma posição política para Taylor é optar por uma concepção de bem particular, mesmo que esta seja o princípio da liberdade como concepção particular de bem. A identidade cultural aparece, portanto, como a impossibilidade de neutralidade numa posição original.

Em sua crítica às teorias da liberdade positiva e negativa¹⁶, Charles Taylor expõe que enquanto a liberdade positiva seria definida de acordo com determinadas condições interiores ao indivíduo, nas quais este conceito só pode ser entendido subjetivamente, a liberdade negativa é entendida de forma objetiva, isto é, com relação à falta de obstáculos externos para seu exercício. Para Taylor, ambas as abordagens são incompletas, visto deixarem de lado o papel constitutivo do lócus desta liberdade, isto é, a situação de liberdade ou o entendimento desta que só se definiria de acordo com os valores morais pelos quais uma pessoa se define.

Desta forma, a avaliação forte que integra o agente humano define a autenticidade pela qual uma pessoa irá saber exatamente o

¹³ Apesar de haver vários teóricos com diversas abordagens no interior desta corrente teórica, utilizei-me do conceito de forma generalista apenas para diferenciá-lo de outras correntes. Multiculturalismo, portanto, é definido como corrente teórica com pressuposição de possuir como agente mínimo da moral a sociedade ou a cultura em oposição às teorias individualistas.

¹⁴ No processo de submissão de uma consciência à outra pelo desejo, o reconhecimento entre elas se daria como a possibilidade de ascensão

¹⁵ Cf. HEGEL, “*Fenomenologia do Espírito*” cap. 7

¹⁶ Cf. TAYLOR, C. “What’s wrong with negative liberty” in *Philosophical Papers 2*.

que quer e como quer em termos de liberdade. A classificação em termos de liberdade ou do que é ser livre também é relativizada por Taylor, no sentido de que ser livre pode tanto ser um estado de espírito como uma possibilidade ou condição para alcançar algo que quero. A falta de obstáculos como liberdade negativa se torna inconsistente, na medida em que determinado indivíduo pode não considerar algo externo como obstáculo, e sim algo interno, como uma impossibilidade subjetiva individual de alcançar o que se quer para ser livre. A liberdade para Taylor, portanto, só pode ser entendida de acordo com a situação específica em que se encontra o agente humano, na qual se poderá dimensionar o que verdadeiramente se compreende como liberdade.

Assim, rever nossos padrões culturais em direção a outros padrões que não são os nossos faz parte da compreensão de nós mesmos como agentes humanos. A experiência humana como forma de expressão aparece assim como a fundamentação teórica não apenas num horizonte temporal da sociedade contemporânea, mas como uma nova forma de liberdade que possibilite que todas as vivências particulares sejam percebidas qualitativamente de forma igualitária. Em contrapartida a sua defesa conceitual de self, em recente livro, Taylor procura caracterizar alguns aspectos da cultura e da sociedade humana contemporânea, enfatizando três males da modernidade que derivam da ascensão da concepção de indivíduo expressivista que se desenvolve a partir do século XVII.

A primeira fonte de preocupação seria o individualismo, no qual as pessoas podem escolher o seu modelo de vida, decidir em consciência as suas convicções, configurando seus projetos de vida. Esta liberdade moderna pôde se instalar na medida em que nos desvinculamos dos nossos antigos horizontes morais. De se sentir parte de uma ordem cósmica na qual cada ser e objeto possuiria seu lugar numa hierarquia da sociedade humana para o descrédito absoluto nesta crença. Este descrédito foi caracterizado por Weber¹⁷ como

¹⁷ Segundo Max Weber, o processo histórico-religioso de desencantamento do mundo teve início com as profecias do judaísmo antigo e em conjunto com o pensamento helênico, repudiava como superstição todos os meios mágicos de busca de salvação. Estes meios seriam os rituais de canto, sacrifício ou sacramental de salvação deste mundo. O puritanismo inglês e o calvinismo alemão advogam o individualismo

desencantamento do mundo, no qual a religião também perde papel e influencia na vida diária dos indivíduos.

Um dos lados negativos do individualismo seria o seu aspecto moral, no qual em seu extremo levaria a perspectiva egoísta de relação social, ou teoricamente, na aceitação de um egoísmo moral ou psicológico como premissa de ação. O segundo aspecto problemático seria a perda de horizontes significativos, o que aumenta a crença numa racionalidade instrumental. Acerca desta última, o ponto principal seria a sua exacerbação em mecanismos burocráticos que são reflexo das instituições sociais a partir da revolução industrial e do advento de novas características tecno-industriais. Este problema levaria em si à perda de participação política, na medida em que o indivíduo se torna egoísta ou voltado para si mesmo e não crê mais nas suas instituições devido à super burocratização e distanciamento interpessoal. Estes problemas para Taylor podem ser designados como perda de sentido, perda de finalidade e perda de liberdade.

A exacerbação do eu, como Taylor aponta como mal moderno, teve como fundamento a auto-realização e a veracidade para consigo mesmo, isto é, a defesa de sua autenticidade. Na cultura da autenticidade, as pessoas defendem certo tipo de liberalismo conjugado com neutralidade. A vida boa é aquela que cada indivíduo procura à sua maneira e o governo incorreria em falta de imparcialidade (e também fere os princípios igualitários) caso interfira nos diversos projetos de vida. A influência do subjetivismo moral na nossa cultura tem um papel crucial, e a relegação para segundo plano de teorias que tratem de motivações morais deixam em aberto se as ordens institucionais geram as idéias ou as motivações individuais tem papel na elaboração e efetivação de um processo de legitimação social de determinada ordem.

A autenticidade é filha do período romântico que rejeita a racionalidade atomista desligada dos vínculos à comunidade. O paradoxo central é o fato de que a defesa de uma autenticidade sendo filha de uma defesa dos vínculos comunitários, só pode ser abertamente defendida através do pressuposto liberal de neutralidade e respeito às diferenças. Paradoxalmente, esta defesa está vinculada hoje

genuíno, no qual a relação com Deus se dá individualmente em profundo isolamento interior. Cf. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*.

a exacerbação de um individualismo egoístico e apartado dos vínculos comunitários.

Antes da modernidade, a idéia de eu interior estava vinculada a um aspecto religioso, possuídos de um superego regulador. Após a modernidade, não mais super ego, só ego. Ser verdadeiro para consigo mesmo, nos termos herderianos é o pano de fundo que confere força moral à cultura da autenticidade. Como corolário da força moral da defesa da autenticidade está a defesa da possibilidade de escolha, da realização do próprio projeto de vida. Entretanto, Taylor aponta para a dialogicidade das relações entre humanos e tendo como pressuposto as relações sociais não se pode conceber qualquer escolha ou projeto de vida que esteja desvinculado de outros significativos.

A defesa de possibilidade de escolha no universo da cultura da autenticidade embasada de um liberalismo de neutralidade, torna-se, entretanto, inócua se desprovida de horizontes significativos. Se não existe um horizonte de sentido preexistente as escolhas, o ato de escolher se torna insignificante, senão inexistente. A liberdade de escolha como ideal humano individual só tem sentido por que algumas coisas são mais importantes que outras e esta deliberação de escolher se dá após a existência destas coisas. Ora, damos valor a determinadas coisas e por isso queremos escolher dentre elas e não o contrário. Assim, o problema teórico de voltar às costas a tudo que transcenda o eu ou dicotomizar a relação indivíduo-sociedade como entidades em oposição ou conflito parece a única via que teóricos liberais encontram para colocar a história e a sociedade entre parênteses no desenvolvimento teórico¹⁸.

Em suma, o combate ao subjetivismo associado à cultura da autenticidade tem tido como fundamento a idéia de livre-escolha desvinculada de horizontes significativos. Isso significa defender uma liberdade desprovida de sentido, visto a escolha preexistir ao que se

¹⁸ Aqui Charles Taylor segue a defesa de Isaiah Berlin, que aponta a importância do conhecimento histórico para a compreensão do significado e da força de influência das idéias não pode ser considerada como única fonte legítima de conhecimento. A importância dos escritos antigos se dá justamente pelo fato de que seus escritos suscitam questões que ainda estão vivas embora suas sociedades e culturas já estejam extintas. Assim, os significados ocupam um local de transcendência temporal e geográfica, sendo estruturas simbólicas que formam parte da realidade e também a altera. Cf. Vico e Herder.

escolhe. Este problema se embasa na premissa de recusa de todo e qualquer coisa transcendente ao eu, o que é ignorar as condições de sua existência, além de ser uma contradição ontológica em termos. O ato de escolher só pode estar amparado por horizontes significativos ou valores.

Paralelamente à problemática teórica, o ideologismo da razão instrumental nos induz a ver nossas comunidades como instrumentais, alias nos induz a ver quase todas, senão todas, relações sociais como instrumentais ou alvo de calculo estratégico calculista e racional, desprovido de qualquer tipo de afeto ou precedência, focando na busca da autenticidade como originalidade ou revolta contra as convenções ou senso comum. Esta aposta moral no indivíduo isolado cujo eu é pensado sozinho configura o mal estar da modernidade, cuja perda de horizontes de significados é fruto da substituição de uma ordem cósmica que sustentava hierarquias sociais. Temos, portanto como resultado deste processo histórico e de conjugações valorativas, o exagero de um individualismo subjetivista e relativista, o que impede a realização da expressividade do humano em suas múltiplas dimensões e diversidade.

Referências bibliográficas

BERLIN, Isaiah: *Vico e Herder*. Trad. de Juan Antonio Gili Sobrinho. Brasília: Ed. UNB, 1976.

DURANT, W: *A Era de Napoleão: uma história da civilização*. Trad. de Antonio Carlos Gonçalves Penna. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1975.

HEGEL, F.: *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses. Petropolis: Ed. Vozes, 1992.

HERDER, J. G.: *Também uma história da filosofia para a formação da humanidade*. Trad. José M. Justo. Lisboa: Editora Antígona, 1995.
MEAD, George Herbert: *Mind, Self, Society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1934.

SARTRE, J. P.: O Existencialismo é um humanismo. In Vol. *Sartre*, Col. Os Pensadores. Trad. de Vergílio Ferreira. São Paulo: Ed. Abril cultural, 1978.

TAYLOR, Charles: *Ética da autenticidade*. Trad. Luís Lóia. Portugal: Edições 70, 2009.

_____: *As Fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____: *Philosophical papers 1 e 2*. New York: Cambridge University Press.

_____: *Argumentos filosóficos*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

WATSON, G. *Free will*. New York: Oxford University press, 1982.

4de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2008.

STRAWSON, Freedom of the will and the concept of a person In *Free will*. WATSON, G. USA: Oxford University Press, 1982